



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO  
NÚCLEO DE DESENVOLVIMENTO INFANTIL  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

**TAUANA DE FREITAS COELHO**

**O QUE PENSAM AS FAMÍLIAS EM RELAÇÃO À CRECHE?**

**ARARANGUÁ  
2014**

TAUANA DE FREITAS COELHO

**O QUE PENSAM AS FAMÍLIAS EM RELAÇÃO À CRECHE?**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Especialização em Docência na Educação Infantil como pré-requisito para a obtenção do grau de especialista.

Orientadora: Deise Arenhart

Araranguá  
2014

TAUANA DE FREITAS COELHO

**O QUE PENSAM AS FAMÍLIAS EM RELAÇÃO À CRECHE?**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do grau de Especialista em Docência na Educação Infantil, e aprovado em sua forma final pela Coordenação do Curso de Especialização em Docência na Educação Infantil da Universidade Federal de Santa Catarina.

Araranguá, \_\_\_\_ de julho de 2014.

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Soraya Franzoni Conde  
Coordenadora do Curso de Especialização em Docência na Educação Infantil

**Banca Examinadora:**

---

Orientadora: prof. Dr. Deise Arenhart

---

Membro: prof. Dr. Simone Cintra

---

Membro: prof. Dr. Soraya Franzoni Conde

---

Suplente: Maria Raquel Barreto Pinto

Dedico este trabalho a todos aqueles que acreditam que o futuro está com a educação e com a união das instituições capazes para este feito.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus que sempre está no comendo de nossas vidas, nos trazendo paz e luz.

Aos colegas de classe pela troca de informações que obtivemos nesses meses de curso, foi muito gratificante ter como companheiros nesta jornada.

A todos meus familiares e amigos que sempre estão junto quando mais precisamos.

Meu profundo agradecimento é para minha orientadora Prof.<sup>a</sup> Deise Arenhart que, com sua ajuda e incentivo, conseguimos chegar ao final deste trabalho.

## RESUMO

O objetivo deste trabalho é compreender o que as famílias pensam sobre as relações com a creche: as suas expectativas, as formas de participação, as dificuldades, os anseios, as críticas e sugestões. Para tanto, realizei entrevistas com as famílias que se dispuseram a participar, mais especificamente da turma de berçário II, com a qual atuo como professora de uma creche no município de Araranguá/SC. Os resultados obtidos indicam que as famílias entrevistadas consideram muito importante ter um relacionamento e participar da vida educacional de seus filhos, mas conhecem pouco o trabalho que é realizado pela instituição, indicando a importância de se estreitar a relação com as famílias no sentido de conhecê-las melhor e construir vias democráticas e efetivas de participação.

**Palavras-chave:** Família; Creche; Participação.

## **ABSTRACT**

The objective of this work is to understand what families think about relations with the nursery: their expectations, forms of participation, the difficulties, the anxieties, the criticisms and suggestions. For this purpose, conducted interviews with families who agreed to participate, specifically the class II nursery, with which I work as a daycare teacher in the city of Araranguá / SC. The results indicate that households interviewed consider very important to have a relationship and participate in the educational lives of their children, but little know the work that is performed by the institution, indicating the importance of a closer relationship with the families in order to get to know them better and build democratic and effective avenues of participation.

**Keywords:** Family; daycare; Participation.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>8</b>
1.1 O objeto da pesquisa, questões e justificativa.....	8
1.2 Objetivo geral.....	9
1.3 Objetivos específicos .....	9
1.4 Metodologia .....	10
<b>2 HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO INFANTIL E A RELAÇÃO COM AS FAMÍLIAS .....</b>	<b>12</b>
<b>3 O QUE DIZEM AS FAMÍLIAS SOBRE SUA RELAÇÃO COM A CRECHE? .....</b>	<b>16</b>
3.1 Apresentando a creche e as famílias .....	16
3.2 Refletindo a relação a partir das entrevistas .....	16
3.2.1 Como as famílias avaliam sua participação na creche? .....	16
3.2.2 O que as famílias conhecem sobre o trabalho realizado na creche? .....	18
3.2.3 O papel da família e da creche na educação das crianças.....	18
3.2.4 Quais expectativas das famílias com a creche? .....	20
3.2.5 Quais críticas e sugestões as famílias têm para melhorar a relação creche-família?..	21
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>25</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>26</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>27</b>
1. Carta de consentimento dos familiares para participação na pesquisa .....	27
2. Roteiro de entrevista semiestruturada com as famílias.....	28



# 1 INTRODUÇÃO

## 1.1 O objeto da pesquisa, questões e justificativa

O tema surgiu a partir de minha inquietação com relação à questão do afastamento das famílias na vida escolar dos filhos na creche onde atuo. Assim, tomo como questão de partida buscar conhecer e compreender o que pensam as famílias em relação à creche: função, expectativas, especialmente, espaços e formas de participação dessas no cotidiano educativo da instituição.

A função dos professores na educação infantil é partilhar a educação e o cuidado das crianças com as famílias. A educação infantil vai inaugurar a vida da criança fora do ambiente doméstico, num espaço coletivo de educação. Por isso, é preciso ter um cuidado nesse processo de transição da criança do espaço familiar para a coletividade da educação infantil.

Na análise das relações entre creche e família, temos visto conflitos difíceis de dissolver entre estas duas instituições, pois, de um lado vimos os pais colocando nos professores a responsabilidade total pela educação de seus filhos e, de outro, vimos os professores criando distâncias e relações preconceituosas, e não se propondo a ouvir e acolher as famílias. Não podemos mudar nem negar a gênese da história da educação infantil, mas podemos analisar os fatos refletindo para novos rumos, visando mudar essa relação que leva a tantos obstáculos.

Portanto, do encontro entre minha atuação como professora de educação infantil e as leituras preliminares realizadas acerca da relação entre família e educação infantil, percebi ser esse um tema que traz muitas questões, entre elas: Como desenvolver um trabalho pedagógico que contribua no fortalecimento da relação família e creche? As concepções e o trabalho pedagógico na creche<sup>1</sup> reconhecem essa interconexão? A presença da família na creche não se tornaria um incômodo para as professoras no período de inserção? Como a instituição de educação infantil recebe as famílias no dia a dia? Como são acolhidas? O que pensam as famílias sobre a relação com a creche? Como se sentem? Como vêem sua

---

<sup>1</sup> O termo “creche” é utilizado para referir às instituições de educação infantil em geral, desconsiderando que, quando se pensa em educação infantil, existem outros modos de atendimento que a constituem, como NEIS, CEIS, pré-escolas, etc.

participação? As duas instituições se reconhecem como sujeitos dos processos que envolvem as crianças?

Considero que o bem estar da criança está relacionado ao bem estar da família e, deste modo, é necessário que as crianças tenham relações seguras na educação infantil com a participação das famílias no cotidiano pedagógico, ou seja, a situação da criança está no contexto da família.

Assim, as questões que norteiam este trabalho têm como finalidade ouvir as famílias sobre sua relação e formas de participação na creche, suas expectativas, críticas e sugestões para, a partir disso, ter elementos que auxiliem na construção de relações mais próximas e positivas entre a creche e as famílias. Enfim, penso que esse estudo é muito importante porque é preciso que conheçamos as razões pelas quais as famílias não têm correspondido ao que nós, educadores, esperamos enquanto sua participação na creche. Para tal, precisamos nos despir da postura de juízes que condenam sem conhecer as razões e incorporarmos o espírito investigador que busca as causas. Eis o que mobiliza e justifica este trabalho.

## **1.2 Objetivo geral**

Perceber e analisar o que pensam as famílias das crianças do Berçário II de um Centro de Educação Infantil Filantrópico do município de Araranguá em relação à sua participação na Creche.

## **1.3 Objetivos específicos**

- a) Identificar, apoiando-se na bibliografia da área, alguns principais impasses que se colocam na relação entre instituição de educação infantil e as famílias;
- b) Ouvir as famílias e analisar o que pensam sobre a creche: sua relação com a família; sua função e práticas com as crianças; expectativas, críticas e sugestões.

## 1.4 Metodologia

Utilizaram-se recursos bibliográficos da área da educação infantil que cercam o tema, dando prioridade a pesquisas que enfocaram diretamente o tema da relação creche e família.

Foi realizada ainda pesquisa de campo com familiares da própria instituição onde atuo, mais especificamente, com pais e mães da turma do Berçário II que se mostraram disponíveis para a pesquisa. Assim, de uma turma de 16 crianças seis famílias quiseram participar e foram ouvidas. Nas entrevistas que foram realizadas nas casas das famílias, busquei ouvir o que os familiares tinham a dizer sobre a relação com o cotidiano da instituição: como avaliam, o que sugerem, quais as expectativas, as críticas, as problematizações. Para tanto, trabalhei com roteiro de entrevista semiestruturada, o qual se encontra em anexo. Buscando respeitar a vontade dos familiares em participar da entrevistada, a maioria das pessoas que se propuseram a participar desse momento se refere às mães. Assim, dos sujeitos entrevistados temos seis mães e apenas um pai, sendo que este participou da entrevista juntamente com sua esposa. Para a identificação dos entrevistados utilizei nomes fictícios para preservar suas identidades.

Pude perceber, durante as entrevistas, o retraimento das mães para que não houvesse em nenhum momento algum tipo de reclamação por parte delas, talvez pelo fato de acharem que nós, professores e C.E.I. estamos ali fazendo um “favor” e não atendendo a um direito das crianças. Como não há um contato próximo entre a entrevistadora e as pessoas entrevistadas e, considerando minha inexperiência como pesquisadora, me senti também um pouco insegura ao que elas falariam, se falariam tudo ou omitiriam algumas questões e sentimentos, se eu saberia conduzir as entrevistas, etc. Depois de ouvir, transcrever e refletir sobre os dados das entrevistas percebi que eu poderia ter explorado mais algumas questões no decorrer da conversa. Acabei ficando preocupada em dar conta do roteiro, desconsiderando questões importantes levantadas pelas(o) entrevistadas(o) e que poderiam enriquecer minha compreensão sobre a realidade. Apesar disso, considero que os dados levantados foram muito reveladores, mudando e enriquecendo minha forma de olhar para as famílias.

O texto está estruturado de modo que no primeiro capítulo localizo sucintamente a educação infantil no Brasil e algumas questões que tem se colocado para compreender as famílias na contemporaneidade, enfatizando o caráter de complementaridade que creche e família devem assumir mediante o desafio de educar e cuidar as crianças pequenas. No segundo capítulo evidencio e discuto os principais achados no que se refere às questões da

pesquisa e aos dados construídos a partir das entrevistas com as famílias. Nas considerações finais sintetizo as principais “conclusões” e evidencio o que a pesquisa significou para minha formação e atuação docente.

## 2 HISTORIA DA EDUCAÇÃO INFANTIL E A RELAÇÃO COM AS FAMILIAS

No Brasil, segundo Guimarães (2012), a creche nasce no final do século XIX e início do século XX, no contexto da abolição da escravidão, da proclamação da república e da emergência do sistema capitalista, urbano e industrial. Segundo a autora (idem, p. 93), “esta situação política e econômica interfere diretamente na demanda por creches no país e no funcionamento daquelas que se instituem”.

A mesma autora nos ajuda a entender que o surgimento da creche, em sua origem, esteve ligado à necessidade de suprir fragilidades e carências, tanto das crianças, entendendo-as como pequenas e dependentes dos adultos, como das mulheres pobres e trabalhadoras. Neste contexto, segundo a mesma autora, proliferou-se uma visão da família, sobretudo as famílias da classe trabalhadora, como sendo:

(...) despotencializadas, vistas como incompetentes para cuidar dos filhos, diante de uma educação institucionalizada, que ocupa o lugar da provisão e da proteção concretizadas na forma de silenciamento do outro que se propõe a atender/ educar. A creche funciona como mecanismo de compensação social dos efeitos perversos do capitalismo (para substituir uma família “em falta”). (idem, p. 92).

Portanto, podemos identificar que a origem da creche, objetivamente, está ligada à necessidade das mulheres trabalhadoras de se inserirem no mercado de trabalho. Isto, por um lado, reflete uma conquista importante do movimento feminista na luta dos direitos e da cidadania feminina. Por outro lado, como já mencionei acima, a creche traz embutida em sua origem uma marca de estratificação social, visto que a mesma surge como alternativa para os mais pobres enquanto a pré-escola era somente para os ricos (KRAMER, 1992, KHULMAN JR, 1998).

Indo ainda mais fundo na origem da creche e da escola pública, vimos que elas também surgem como necessidade de evitar o trabalho infantil. A escola, para os filhos da classe trabalhadora, nasce com a introdução da maquinaria na grande indústria do século XIX, quando mulheres e crianças passam a ocupar o local do trabalhador adulto. A legislação avança e coloca na escola o papel de ensinar e proteger as crianças pobres do trabalho precoce. Concomitantemente, o movimento de mulheres trabalhadoras também a reivindica, pois as famílias também desejam poupar seus filhos da exploração e da degeneração precoce.

Ao ouvir as mães nessa pesquisa, vimos que esta função da creche como atendimento que, ainda hoje, as permite a inclusão no mercado de trabalho lhes é bastante significativa. Vejamos o depoimento abaixo:

*(...) é muito importante. Eu tenho segurança que eles tão lá e tão bem cuidados, posso sair pra trabalhar que eles tão bem cuidados; e eu preciso da creche pra trabalhar, então é uma parceria, a creche me ajuda e eu ajudo a creche. (Daiane, mãe)*

Temos visto, sobretudo nas últimas décadas, importantes avanços no tocante a função da educação infantil, esses mobilizados por estudos, pesquisas e debates político-pedagógicos. Atualmente, a educação infantil é garantida como um direito das crianças, independente da condição social da mãe, isto porque se defende a importância para a criança pequena de freqüentar espaços coletivos de educação e cuidado. De acordo com a LDB 9.394/96, art. 29, a educação infantil é a primeira etapa da educação básica tendo como finalidade o desenvolvimento integral em seus aspectos físico, intelectual, lingüístico e social, complementando a ação da família e da comunidade.

Nas entrevistas realizadas com as famílias, também foi possível identificar nos pais esta percepção da creche como direito das crianças. Vejamos:

*Toda criança tinha que participar, tinha que ter direito de ir pra creche, porque a partir do momento que a criança vem pra creche, ela começa a conviver em sociedade; na creche ela começa a ver que ela tem compromisso de acordar cedo, de comer, de brincar, de ver televisão, por isso ela é importante. (Paola, mãe).*

Tiriba apud Guimarães (2001) também adverte sobre o fenômeno de distanciamento das relações familiares que ocorre com a revolução industrial, sobretudo, nas sociedades ocidentais, e as repercussões na educação e nas formas de sociabilidade.

*As famílias das classes populares, livres de uma estrutura medieval que as prendia à terra, partem do campo para a cidade. A educação que antes era assumida de forma coletiva, por uma grande família cuja identidade se constituía num cotidiano de vida comunitária passa a ser de responsabilidade de uma nova instituição: a creche. O cotidiano passa a ser regido pelo objetivo do lucro, e ficam aligeirados os espaços de encontro, troca e experiência do coletivo (ibidem, p. 94).*

No entanto e, a despeito desse fenômeno social de institucionalização da infância (SARMENTO, 2002), a educação infantil está colocada na Constituição de 1988 como um direito das crianças e não somente das mulheres trabalhadoras. Segundo Maistro (1999, p. 55):

é importante reconhecer o significativo avanço que a educação infantil teve nas últimas décadas no Brasil, inclusive com uma expansão do atendimento público à creche. Esse vem se tornando cada vez mais não só uma necessidade significativa por parte das famílias, como também um resultado da consciência da importância da educação infantil e do reconhecimento da criança como sujeito de direitos.

A LDB/96, também expressa significativos avanços para a Educação Infantil, pois a insere como a primeira etapa da educação básica, a qual se dá de forma articulada e complementar a ação da família. É preciso, portanto, que a família, seja ela que composição tiver, participe das possibilidades de relações com as instituições de educação infantil para que ambos possam atingir seus objetivos na formação das crianças.

Nesta relação entre creche e família têm sido dominantes certas concepções idealistas e preconceituosas sobre as famílias que prejudicam o diálogo e a participação entre as duas instituições. Nessa direção, Guimarães (2012 p. 89) contribui na reflexão sobre possíveis entraves que prejudicam a relação e o diálogo com as famílias.

(...) não se trata de compreender o outro com o objetivo de trazê-lo para os próprios referenciais, na busca de totalizá-lo, mas de oportunizar contato, troca, sem diluição das fronteiras. Um imenso desafio é enfrentar a alteridade na relação com a família, desviando do julgamento de suas atitudes, da comparação, compreendendo as possibilidades e limites do diálogo com ela.

Para buscar essa alteridade no que se refere à relação com as famílias, é necessário reconhecer, apoiando-se na historiografia brasileira, que não existe um “modelo de família” e sim uma infinidade de modelos familiares, com traços incomuns, mas também guardando singularidades. Guimarães (2012, p. 96), nos mostra que hoje há famílias compostas de avós e mães, somente; ou somente de pai que cuida sozinho dos filhos; ou ainda de um casal homossexual, dentre diversos outros tipos de organização. Assim, segundo a autora é importante considerar que cada família tem uma experiência singular a ser escutada e considerada na tensão com as instituições.

Na mesma direção, Barbosa (2007) ressalta que, independente da classe social, novas estratégias de organização familiar estão sendo reconstruídas, visto que as estruturas familiares convencionais já não contemplam a vida real. Assim, a família nuclear das décadas passadas deu lugar às famílias contemporâneas que vem surgindo, transformando as relações entre pais e filhos.

Por isso, cabe aos profissionais da creche conhecer as famílias reais com que trabalha e acolhê-las em toda sua diversidade social, cultural, étnica, sexual, etc.,

considerando os diferentes arranjos que a constituem como família, sanguíneos ou não. Esse é um primeiro passo para a construção de uma efetiva parceria entre estas instituições.



### **3 O QUE DIZEM AS FAMILIAS SOBRE SUA RELAÇÃO COM A CRECHE?**

#### **3.1 Apresentando a creche e as famílias**

A instituição pesquisada é uma Entidade Filantrópica, sem fins lucrativos, com sede no Município de Araranguá/SC. Foi fundada em 1990 e recebe ajuda mensal da Prefeitura deste município e doações de terceiros. Proporciona diariamente atendimento das 07h00min às 18h00min a 80 crianças na faixa etária de seis meses a cinco anos, pertencentes a famílias da comunidade e bairros vizinhos. As famílias que participaram da pesquisa são da turma do Berçário II (1,5 meses a 2 anos).

As famílias entrevistadas têm seus integrantes entre 24 a 32 anos de idade. A escolaridade da maioria das mães é de 1º grau incompleto, sendo que duas têm o 3º grau incompleto. Já os pais têm um com 1º grau incompleto, um com 1º grau completo, um com 2º grau incompleto, um com 2º grau completo e um com ensino superior completo. As profissões das mães são: do lar, bordadeira, cozinheira, técnica de enfermagem, ajudante de produção, enquanto as dos pais são: carpinteiro, auxiliar de pedreiro, oleiro, vendedor, coordenador terapêutico em dependência química. As famílias, em sua maioria, são de classe popular a média baixa, tem entre 2 a 5 filhos, nem todos morando juntos, apresentando agrupamentos dos mais variados, típicos da família contemporânea, como explicitado no capítulo 1.

#### **3.2 Refletindo a relação a partir das entrevistas**

##### *3.2.1 Como as famílias avaliam sua participação na creche?*

Com relação à forma como as famílias vêem sua participação na creche, vimos que, em geral, elas manifestam uma idéia de que é a creche que define os modos de participação das famílias, pois participam desde que sejam chamadas. Vejamos os depoimentos abaixo:

*Eu acredito que é boa. Eu participo das reuniões, fiz doação, acho que quando necessário, quando chamam, eu venho, estou sempre ativa quando necessário e quando chamam to sempre aqui. (Paola, mãe).*

*E agora, o que eu podia fazer lá... se eu pudesse ajudar eu ajudaria, se eu puder fazer alguma coisa pra ajudar é só chamar, to disponível. (Daiane, mãe).*

*Como é o primeiro ano que ele tá, teve só uma reunião né, que daí foi no caso que eu não pude ir, mas sempre que agente pode a gente freqüenta né (Simone, mãe).*

Essa restrição da participação aos espaços de reuniões também ficou evidente na pesquisa de Maistro (1999). Para a autora, “isso evidencia que a compreensão do que é participar parece restringir-se a “vir quando são chamados” pela instituição, o que revela a inexistência de um espaço mais efetivo e cotidiano de inclusão no contexto da creche” (ibidem, p. 59).

Na mesma direção, Fonseca (2000) também observa em suas pesquisas que a participação das famílias têm se limitado à presença em reuniões, uma vez que a forma como vem sendo construído este espaço não tem possibilitado uma consciência por parte dos pais de se reconhecerem enquanto sujeito de direitos e a creche enquanto espaço legítimo de exercer a cidadania. Para a autora, isto se evidencia quando as famílias acabam sendo solicitadas muito mais para outorgarem decisões já tomadas anteriormente pela instituição.

Vimos, pelos depoimentos das mães, que elas têm vontade de participar, de estarem ativas na instituição e que talvez falem oportunidades, possibilidades, convites, atividades que as incluam mais no cotidiano da instituição. Percebi, durante as entrevistas, que elas ficam intimidadas em relação a nós, professoras, e em algumas das vezes é isso o que acontece, sentem vergonha de estar lá, pois pensam que podem estarem passando dos seus “limites”, como se a creche não fosse um espaço das crianças e das famílias por direito. Por isso, falta maior entendimento das famílias do sentido da creche como direito e da complementaridade entre creche e família na função de educar e cuidar das crianças.

O entendimento de que creche e famílias são instituições que se complementam nas funções de “cuidar” e “educar” resultará em mais tranquilidade para as crianças, uma vez que elas assumem uma situação de “duplo pertencimento”, pois na realidade pertencem ao mesmo tempo a estes dois mundos. ( MAISTRO , 1999, p 56).

Por isso, é fundamental que a creche, especialmente o corpo docente, reconheça e acolha as famílias, o direito que elas têm em compartilhar os cuidados e a educação de seus filhos.

### 3.2.2 O que as famílias conhecem sobre o trabalho realizado na creche?

Como essas famílias têm pouco contato diário com a creche poucos sabem e conhecem do trabalho que é realizado com seus filhos, a não ser o que deduzem, como: troca de fraldas, refeições, higiene, etc.

*(...) Só sei da comida, da hora das refeições, mas o que ela faz aqui na salinha de aula não sei. (Paola, mãe).*

*Eles cuidam das crianças, trocam fraldas, dão banho, porque já deram banho nela também. (Rita, mãe).*

Os pais também revelaram nas entrevistas que outra forma deles saberem sobre o que se passa na creche é pelo que as crianças contam em casa. Contudo, podemos perceber que revelam uma idéia bastante dicotômica entre educar e cuidar, como se aos maiores coubessem atividades voltadas à aprendizagem, no sentido de uma pré-escolarização e aos menores coubesse atividades ligadas aos cuidados físicos básicos.

*O do Mikael sim, o do Nicolas não. O Mikael já é mais de aprendizado, o do Nicolas já é mais de cuidado. (Daiane, mãe).*

Segundo Cerisara, (1999 p.16),

Essa dicotomização entre as atividades com um perfil mais escolar e as atividades de cuidado, revelam que ainda não está clara uma concepção de criança como sujeito de direitos, que necessita ser educada e cuidada, uma vez que ela depende dos adultos para sobreviver e também pelo fato de permanecer muitas vezes de 10 a 12 horas diárias na instituição de educação infantil.

### 3.2.3 O papel da família e da creche na educação das crianças:

Nas entrevistas, os pais em geral indicaram que é fundamental que as famílias travem uma relação de parceria com a creche na educação dos filhos.

*Tem que ser uma parceria né? Em casa a mãe e pai e na creche as professoras, eles tem que respeitar igual. (Marlene, mãe).*

Spodek (1998) também observa que a maioria dos professores de primeira infância acredita que conhecer a família das crianças é necessário para entendê-las, e de que algum envolvimento dos pais na sua educação é essencial.

O envolvimento dos pais na educação das crianças tem uma justificativa pedagógica e moral, bem como legal. Como as crianças estão primeiramente sob a responsabilidade de seus pais, eles devem estar envolvidos na tomada de decisões educacionais, (...) quando os pais iniciam uma parceria com a escola, o trabalho com as crianças pode ir além da sala, e a aprendizagem na creche e em casa podem se complementar. (BONFFRENBRENNER, 1974, apud SPODECK, 1998, p 167).

Contudo, vimos, pelas entrevistas, que os pais parecem indicar papéis diferentes para a família e a creche. Vejamos:

*Rita (mãe): A educação quem dá é os pais né, lá (na creche) é só pra aprendizagem. O pai, Rodrigo, complementa: – Não adianta a pessoa não educar em casa e querer que vocês eduquem ali, ali não é educador, ali é creche. A mãe Rita volta a dizer: - é educador de ensino de escola, mas de educação com a pessoa assim, claro que eles aprendem na escola também, mas primeiro em casa. E o pai acrescenta – Sim, mas a educação é uma parceria.*

Pela fala dos pais, parece que o conceito de educação, no entendimento desses, está muito colado ao de moralização, por isso, quem deve ficar com esta função é a família e não a creche. Já a creche teria o papel de cuidado e de instrução, no sentido de mobilizar aprendizagem, e isso parece não ser entendido como educação.

*(...) eu acho que a instituição é como diz, um aprendizado contínuo, tipo um complemento com o que vem de casa. A educação vem de casa, vocês não vão lá pra educar, vocês vão lá pra ensinar, quem tem que educar sou eu como mãe, porque se eu não educo em casa automaticamente ele vai chegar uma criança mal educada pra vocês. (Maria, mãe)*

Segundo Cerisara (1999) toda relação é educativa: todo ato de cuidado educa e toda educação requer cuidado. Assim, segundo a autora, na história da educação infantil temos dois projetos educacionais que dominaram as creches e pré-escolas desde seu surgimento: uma educação assistencialista e uma educação escolarizante. Ambas as perspectivas educam, porque toda relação é educativa.

### 3.2.4 *Quais expectativas das famílias com a creche?*

Percebi que as expectativas variam entre a socialização e o desenvolvimento, principalmente, a instrumentalização referente à preparação para a primeira série. Nessa direção, é importante situar que as famílias trabalhadoras são reflexos das relações sociais onde estão inseridas. E se a escola de educação infantil é lugar de criança, também é para muitas famílias o principal meio de acesso a cultura e ao saber historicamente acumulado.

Com relação à expectativa com o papel da socialização e a aprendizagem destaco os seguintes trechos das entrevistas:

*(...) toda criança tinha que participar, tinha que ter direito de ir pra creche, porque a partir do momento que a criança vem pra creche, ela começa a conviver em sociedade. Na creche ela começa a ver que as coisas não são da forma que é dentro de casa, que cada um tem seus direitos e deveres, e que ela tem compromisso de acordar cedo, de comer, de brincar, de ver televisão, por isso ela é importante. (Paola, mãe).*

*(...) eu acharia bom assim que os professores já na creche já comessem a ensinar pra eles algumas coisas, assim, aprende algumas letrinhas até mesmo escreve o próprio nomezinho mesmo né. (Simone, mãe).*

*Eu espero que ajude no desenvolvimento do meu filho, que como eu disse já tá acontecendo, a gente vê (...) e é isso no desenvolvimento dele. (Maria, mãe).*

Essas observações com relação às expectativas das famílias estarem baseadas na socialização e na aprendizagem com sentido de preparação para alfabetização se coaduna com as pesquisas de Nogueira (1991). A autora, buscando conhecer e analisar as expectativas para com a escolarização nas diferentes classes sociais, percebe que as classes populares se distanciam da escola, mas reconhecem sua importância, acompanhando pouco seus filhos. A escola acaba tendo um sentido imediato de qualificar profissionalmente para inserção o mais rápido possível no mercado de trabalho. Por isso, aprender a ler, escrever e as funções básicas da matemática e da língua portuguesa são tão fundamentais. Com esse sentido, a autora indica que as expectativas em relação ao grau de escolarização são baixas ou moderadas. Perante as condições objetivas de vida dessas famílias, poderíamos indagar: poderiam as classes populares abrirem mão dessa função social da escola?

A segunda autora (COIMBRA, 2011) destaca o papel que, como nessa pesquisa, as famílias dão para a creche no tocante a socialização.

Quando a criança passa a freqüentar uma escola, são apresentadas ali novas possibilidades de socialização, que envolvem os colegas e as professoras, promovendo assim inúmeras aprendizagens que vão desde como organizar os sentimentos até em como saber lidar com pessoas tão distintas em um mesmo ambiente. (COIMBRA, 2011, p. 22).

Os desafios da socialização na escola são para a criança, imensos: dividir brinquedos, atenção, frustração, autocontrole dos ímpetos e das emoções, aceitação mínima de uma rotina relacionada a vida social e coletiva onde, muitas vezes, não há espaço para a individualidade do sujeito criança.

### 3.2.5 *Quais críticas e sugestões as famílias têm para melhorar a relação creche-família?*

Apesar de trazer muitas informações úteis e importantes para o trabalho, as famílias trazem também críticas, reclamações e algumas sugestões. Essas são importantes, para fazemos bons usos também, já que nossa prioridade é o atendimento às famílias e ter um bom relacionamento também é ouvir suas reclamações.

Vejamos as CRÍTICAS que apareceram nas entrevistas:

#### **- A creche não atende ao horário das famílias:**

*(...) na hora da manhã, porque eu pego as 7:00 hs no serviço, entendeu, eu largo ela na creche e chego no serviço atrasado, e tomo mijada todo dia por causa disso, se eles pegasse 6:50hs era melhor, mas daí tem gente na porta da creche (...) e eu dentro do carro com ela esperando dar 7:00 hs. Aí chego atrasado todo dia no serviço, entendeu? (Rodrigo, pai).*

#### **- Formas muito duras de tratamento das crianças:**

*(...) tirando a professora do Mikael que é meio fora, só ela parar de berrar um pouquinho. (Daiane, mãe).*

Quero ressaltar aqui que esta pessoa de quem essa mãe fala estava substituindo a professora regente da turma, e não estava habilitada para tal função, ou seja, não tinha a formação necessária para exercer aquela função, mas estava “quebrando um galho” como dizem popularmente.

Também é importante mencionar que esse tratamento autoritário para com as crianças não é caso específico dessa unidade, mas é comum vermos, em geral, atitudes autoritárias e adulto centradas, decorrentes tanto da falta de uma formação que dê suporte

teórico para construir compreensão das crianças como sujeitos de direitos como também condições muito ruins de trabalho que têm acarretado em grande stress dos professores, reverberando em práticas também ruins com as crianças.

**- Não conhecem a professora, pois não se deixa a criança na porta da sala:**

*Posso falar uma coisa pra ti, eu nem sei quem é, porque eu só chego lá e vou buscar, a relação é mais com a coordenadora. (Rodrigo, pai).*

*Pra fala bem a verdade eu só conheço tu, a da manhã nem vejo né, porque agente deixa lá na frente, elas não deixam nem entrar, não sei nem o nome da professora e não sei nem a cara se ela passa na minha frente não vou saber quem é. (Paola, mãe).*

A possibilidade de levar à criança até a porta de sua sala e, assim, conseguir estabelecer contato diário com a professora torna-se importante para a melhora na comunicação entre familiares e professores. No entanto, é importante ressaltar que isso, por si só, não garante a qualidade dessa comunicação. O contato, o olho no olho, a acolhida e percepção de como a família e a criança chegam ajudam muito para uma melhor compreensão e aproximação entre essas duas instituições: família e creche/escola. Por outro lado, é também importante considerar até que ponto e como as famílias podem se envolver e participar do cotidiano da creche, pois há casos de familiares que chegam e ao deixarem a criança na sala, fazem escândalos, exigências impossíveis, ofensas indiretas a instituição e ao docente.

**- Estrutura física muito precária:**

*Espero a reforma urgente, a mochila do Nicolas volta cheia de cupim. (Daiane, mãe).*

O fato das famílias apresentarem críticas à creche pode nos sinalizar de que não estão num lugar de passividade e não tem a creche como um favor, o que as desautorizaria do direito à crítica. Ainda que essa concepção da creche como favor e não direito ainda persista, sobretudo nos segmentos das famílias mais desfavorecidas economicamente, vimos que ela já não é mais dominante, pois está em constante tensão com novos modos dos sujeitos exercerem sua cidadania e reivindicarem seus direitos.

As SUGESTÕES das famílias são muito criativas e indicam o desejo dessas em participar mais. Vejamos:

**- Creche se abrir mais às famílias:**

*Eu acho legal ter um dia assim pros pais vim participar do que ta acontecendo, do que é feito. Participar do dia a dia né. Tirar um dia, hoje o dia é da mãe da Maria, a mãe da Maria vem, se a mãe da Maria não puder vir porque trabalha que venha alguém da família, entende? Eles vão ta participando do dia a dia das crianças né. (Paola, mãe).*

*Acredito que daqui pra frente tenha mais contato família e escola, eu acredito muito nessa união da família e escola né, mas que se dê essa abertura pra família participar um pouco mais né. (Paola, mãe).*

Alegro-me em saber que os pais sentem vontade de frequentar, mas me entristeço quando o que falta é oportunidade para isso; a participação é uma forma tão importante de a criança perceber que tem onde se amparar, que pode contar com seus pais e professores quando ela precisar e que estes estão juntos em sua educação. Nessa direção, é importante também problematizar as formas de participação das famílias que a creche geralmente promove. Na maioria dos casos, as famílias são chamadas a participar quando se precisa organizar um mutirão e/ou outros trabalhos anteriormente decididos e encaminhados pela creche. As famílias não são chamadas, no entanto, para opinarem acerca de assuntos e tomadas de decisões que lhes dizem também respeito. Por isso, as formas de participação das famílias incidem diretamente em sua qualidade. Seriam de fato democráticas essas formas de participação?

**- Brincadeira nas reuniões**

*Eu acho que os pais têm que estar presentes, assim em reuniões se tem brincadeira com os pais, assim tipo com os filhos, tem que ta junto, eu participaria. (Rita, mãe).*

Para que as reuniões não fossem tão monótonas seria interessante inserir brincadeiras, dinâmicas, o que poderia contribuir para que houvesse uma maior interação entre pais, professores e as crianças. Isso possivelmente tornaria o trabalho menos árduo e poderia melhorar a relação com as famílias.

Por fim, cabe também ressaltar que, no contexto de trabalho e de exploração do trabalho das famílias, nem sempre é possível a essas participarem como gostariam da vida escolar de seus filhos, embora muitos saibam que a boa relação e participação resultariam



numa melhor relação, aprendizagem e integração de seus filhos na creche. Então, fica a reflexão: numa sociedade de trabalhadores e trabalhadoras exploradas no trabalho, será possível a efetiva participação das famílias na vida escolar e social de seus filhos?

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde o início do meu trabalho como professora de educação infantil, procurei ter um contato a mais com as famílias, com o contexto real das crianças que eu atendia, e muitas vezes era impedida de ter essa conversa, esse compartilhamento de informações.

Assim, a pesquisa me levou a conhecer e entender porque tais crianças se comportavam de certa maneira, e o meu trabalho, o meu dia a dia ficou mais leve porque eu conheci a realidade e assim me preocupei em tornar os dias melhores para elas. Na maneira de falar, na alimentação, em dar mais atenção, em ser mais rígido, esse diálogo com as famílias possibilitou perceber o que cada criança tinha mais necessidade.

Alem disso, ter um contato direto e freqüentar, mesmo que para uma pesquisa, a casa das famílias também nos deixou mais próximos. Se antes eu estava ansiosa pela conversa com elas, hoje estou mais segura para conversar, para convidar a entrar na sala, para compartilhar as informações relativas à creche e as crianças. Portanto, conhecer melhor as famílias também me levou a mudar meu próprio jeito de falar sobre e com elas.

Hoje, no meu trabalho, eu considero ainda mais que a família deve estar inserida no cotidiano da criança na creche, seja por alguns minutos, ou passar um período, ou ajudar a fazer alguma atividade. Enfim, estou convencida de que essa relação próxima é fundamental para conhecer as famílias com que trabalhamos e a partir disso, criar estratégias de participação mais efetivas e respeitosas às suas condições, aspirações, culturas. Enfim, conhecer as famílias é fundamental para respeitar as crianças, sobretudo, porque não há criança fora do contexto da família, da classe, da cultura.

Isso me ajuda a entender e considerar que só há crianças exploradas quando há adultos explorados, só há crianças felizes num contexto social, comunitário, familiar favorável. Logo, ao compreender a família, a sociedade, a classe e a cultura a que a criança pertence, compreende-se melhor essa criança. Se, por um lado, a criança é parte de uma totalidade, e nesse sentido, tem aspectos particulares e singulares, por outro, ela compõe e expressa também a totalidade das relações que pertence. Logo e, como já afirmei acima, é preciso compreender a família para compreender melhor a criança, ainda que para isso também seja necessário compreender sua alteridade. Não será possível construir um mundo de crianças mais felizes com adultos explorados e infelizes. Por isso, lutar pelo direito da criança é, imediatamente, lutar pelo direito dos adultos, da comunidade, da classe, da cultura, da família a que pertence.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARBOSA, Maria Carmen Silveira. Culturas escolares, culturas de infância e culturas familiares: as socializações e a escolarização no entretecer destas culturas. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 28 n. 100. out. 2007.
- BONOMI, Adriano. O relacionamento entre educadores e pais. In: BANDIOLI, A. e MONTOVANI, S. *Manual de educação infantil: de 0 a 3 anos – uma abordagem reflexiva*. 9ª ed. Porto Alegre: ArtMed, 1998.
- CERISARA, Ana Beatriz. Educar e Cuidar: por onde anda a educação infantil? *Perspectiva*. Florianópolis, vol. Especial, n. 17, p. 11-21, jul./dez. 1999.
- COIMBRA, Julia Lima. *Expectativas familiares com relação à educação infantil*. Monografia, Graduação em Pedagogia. UFRGS, Porto Alegre, 2011.
- FONSECA, Marilde Juçara da. *Participação das famílias na instituição pública de educação infantil: limites e possibilidades*. Dissertação de mestrado. UFSC/CED – Florianópolis, 2000.
- GUIMARÃES, Daniela. A relação com as famílias na educação infantil: o desafio da alteridade e do diálogo. In: FERNANDES, A.; MOMM, C. M. (orgs.). *Educação Infantil e Sociedade: questões contemporâneas*. Nova Petrópolis: Nova Harmonia, 2012.
- KRAMER, S. *A política do pré-escolar no Brasil: a arte do disfarce*. São Paulo: Cortez, 1992.
- KUHLMANN JR, Moysés. *Infância e educação infantil: uma abordagem histórica*. Porto Alegre: Mediação, 1998.
- MAISTRO, Maria Aparecida in: Relação creche e famílias, a quantas andam? *Perspectiva*. Florianópolis, vol. Especial. p 49-59, jan./jun.1999.
- NOGUEIRA, Maria Alice. Trajetórias escolares, escolares, estratégias culturais e classes sociais. Notas em vista da construção do objeto de estudo. *Teoria e Educação*, n. 3, 1991.
- SPODEK, Bernard. Ensinando crianças de três a oito anos. In: SARACHO Olivia N. *Trabalhando com os Pais*. Trad: Claudia Oliveira Dornelles. Porto Alegre: Artmed, 1998. Cap. 8.

## **ANEXO 1 - Carta de consentimento dos familiares para participação na pesquisa**

Senhores Pais e/ou Responsáveis,

Venho através deste, pedir-lhes a colaboração de vocês para uma pesquisa de campo que eu, Tauana de Freitas Coelho, professora de seu (sua) filho (a), tenho que fazer para a conclusão de curso de pós-graduação.

O objetivo da pesquisa é ouvir as famílias para saber o que pensam e sentem com relação à creche e a relação que estabelecemos com vocês.

Para tanto, será feito uma entrevista com um responsável pela criança, a família pode estar presente. Marcaremos um horário em sua residência para que eu possa ir até vocês e fazer a entrevista. A entrevista será gravada, mas não serão expostos dados dos entrevistados, somente usarei a entrevista gravada para análise de dados. Quem estiver disposto a me ajudar, favor retornar segunda-feira com um recado na mochila dizendo que aceita ser entrevistado. Preciso de, no mínimo, cinco famílias, mas se tiverem mais famílias dispostas ficarei muito feliz. ☺

Por favor, peço a colaboração de vocês. Poderão expor idéias, fazer sugestões e reclamações, para a melhoria do meu trabalho.

Muito obrigada desde já.

---

TAUANA DE FREITAS COELHO

Estudante do curso de especialização em docência  
na educação infantil- NDI/UFSC

## ANEXO 2 - Roteiro de entrevista semiestruturada com as famílias

- Nome: \_\_\_\_\_
- Escolaridade: \_\_\_\_\_
- Idade: \_\_\_\_\_
- Profissão: \_\_\_\_\_
- Nível de parentesco com a criança: \_\_\_\_\_
- Escolaridade do pai (ou mãe) da criança: \_\_\_\_\_
- Profissão do pai (ou mãe) da criança: \_\_\_\_\_
- Quem mora na casa, com vocês? \_\_\_\_\_
- Número de filhos? (no sentido amplo do conceito) \_\_\_\_\_
- Quantos freqüentam a creche? \_\_\_\_\_

- 1- Como é sua participação na creche?
- 2- Como você gostaria que fosse a sua relação com a instituição?
- 3- Você conhece o trabalho realizado com seu filho?
- 4- Como a creche proporciona a participação familiar?

Reuniões

No cotidiano

Na tomada de decisões

Comente:

- 5- Como gostaria que fosse o atendimento da instituição para com a família?
- 6- Qual importância tem a creche?
- 7- Como é sua relação com o professor de seu filho?
- 8- O que você espera da creche? Expectativas...
- 9- Reclamações?
- 10- Sugestões?
- 11- Você segue o mesmo tipo de educação que a instituição?
- 12- Você acha que a responsabilidade de educar e cuidar são da instituição?

- 13-** Se dispusessem de mais tempo como seria sua participação na instituição que seu filho está inserido?
- 14-** Você considera a creche importante na vida de seu filho? Por quê?
- 15-** Você acha que é importante sua participação no cotidiano da instituição que seu filho está inserido?